

# A vida me conduziu para a extensão agroecológica

Cláudio Fioreze<sup>1</sup>

## Resumo

Este relato de experiência apresenta brevemente minha trajetória pessoal e profissional e como os acontecimentos que presenciei e participei, com maior ou menor autonomia, desde o princípio, foram conformando todo um contexto que me conduziu à predileção pela atividade extensionista, antes e depois de meu ingresso na rede federal de EBTT. Trata-se de um pequeno memorial, sem pretensão de modelo ou cartilha, tão somente um testemunho cujo principal objetivo é compartilhar um pouco desta jornada e, quiçá, mostrar como nossas escolhas levam, ou não, a sermos extensionistas como praticantes da liberdade, da democracia participativa e da sustentabilidade em todas as suas dimensões. Mostra também, mediante várias referências a situações vividas, ações e projetos, que podemos fazer coisas inspiradoras e transformadoras, especialmente quando trabalhamos em equipe e com um viés transdisciplinar. Pode-se concluir que a extensão é um grande portal institucional e que cumpre um papel diferenciado na matriz educacional de instituições como o IFRS, sendo importante porta de entrada de demandas socioambientais legítimas e impostergáveis para que nossa missão institucional alcance êxito e nossa práxis se oxigene na realidade que estamos inseridos.

**Palavras-chave:** Trajetória extensionista. Vocação. Desenvolvimento. Sustentabilidade. EcoViamão.

## Nossos contextos, nossas escolhas

*Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim.*  
(ORTEGA Y GASSET, 1914)

Esta frase, de uma verdade cristalina, é de autoria do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, publicada em "Meditações de Quixote", em 1914. Ela coloca o homem como um ser indissociável do seu meio e enfatiza que a melhoria da condição do homem é produto de suas escolhas, de sua ação, em contraposição à ideia de destino. Pois bem, sou um profissional formado no século XX

<sup>1</sup> Doutor em Ciência do Solo, Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Viamão.  
E-mail: claudio.fioreze@viamao.ifrs.edu.br

(1988), mas tenho tentado, a vida inteira, não fazer uma agronomia do século XIX, mas sim à altura dos enormes desafios que nos angustiam neste princípio do século XXI.

E tais circunstâncias foram decisivas para minhas escolhas: os caminhos trilhados pela família foram, na verdade, um itinerário que milhares de descendentes de imigrantes fizeram, talvez em um tempo mais largo do que nós. Nasci em Colorado-RS, uma das muitas colônias novas criadas para a segunda geração dos imigrantes, na região do Alto Jacuí, e desde muito cedo participei da busca de novas oportunidades “rumo ao oeste”... Passamos por Campo Novo-RS, depois no oeste do Paraná (Toledo), nordeste do Pará (Ourém) até, finalmente, meio que completando um ciclo, retornarmos ao RS por problemas graves de saúde de meu pai. Daí, com sete irmãos, meus pais passaram a outra jornada: a busca de oportunidades para seus filhos, passando por Soledade, Santa Cruz do Sul e, finalmente, Silveira Martins, ao lado de Santa Maria, com sua universidade pública, a UFSM. Neste então distrito de Santa Maria passei minha juventude e boa parte da idade adulta, lugar em que cursei a faculdade, casei, fui pai de dois filhos e trabalhei a maior parte dos quase 20 anos no serviço oficial de extensão rural gaúcho, a EMATER/RS.

Apesar de bastante jovem quando ocorreram, muitas destas andanças ficaram gravadas em minha memória e influenciaram minha vocação para o campo, para a “extensão de nossas casas”. Impossível não ficar impactado com a imensidão incrível da natureza e dos povos de sul a norte e os contrastes impressionantes desta nação chamada Brasil.

## Tempos universitários, tempos de mudanças

Mais tarde, quando chega a idade impostergável de se fazer algumas escolhas na vida, toda essa tradição pesou em minha opção profissional pelo campo, pela Agronomia: não queria trabalhar em um escritório fechado, pois minha predileção já era botar o pé no barro, na comunidade, nas roças, nos campos.

Então, na UFSM, veio outro momento que influenciou muito minhas escolhas políticas e profissionais, que foi vivenciar o movimento estudantil, num momento de efervescência cultural e política, quando a ditadura militar chegava à falência de seu modelo perverso. Dentre muitas vivências, duas atividades neste período me permitiram ver outra realidade rural e construir uma visão crítica à educação bancária e à ciência normal: a criação do Grupo de Apoio ao Movimento Sem Terra (GAMST) e a realização do I Encontro Regional de Agricultura Alternativa (ERAA). Na época nem se cogitava falar em Agroecologia.

## No mundo do trabalho, na extensão

Uma outra passagem breve e marcante, foi no meu primeiro emprego, na antiga FIDENE (hoje UNIJUÍ), junto ao Seminário Permanente de Educação Popular (SPEP). Ali constatei a importância do multidisciplinar e em equipe para entender e mudar a realidade. Junto aos movimentos sociais do campo, os quais então emergiam no cenário nacional, compreendi a importância da sistematização de conhecimentos de forma coletiva, a partir da prática: só sistematiza - e educa - quem está aberto ao diálogo. Sem isso, não há extensão libertadora.

Ingressei na EMATER no início de 1990, retornando à pequena Silveira Martins, onde tinha muitos vínculos afetivos. Criamos um Projeto de Desenvolvimento e um Consórcio Regional para operar ideias, projetos e planos, os quais até hoje existem, mostrando que o processo de desenvolvimento



📌 **Figura 1.** A marcha avassaladora da *sojificação* da paisagem, inclusive nas colônias (Silveira Martins-RS).  
Fonte: Próprio autor (2022).

e as transformações socioeconômicas e ambientais se dão no espaço social do território e são eficazes se cultivadas na democracia participativa.

Na caminhada de quase 20 anos pela extensão rural oficial, na EMATER, também aprendi que a tecnologia, por si, não consegue ajudar os “cativos da terra” a enfrentar a pressão de seleção avassaladora do neoliberalismo, com suas cadeias alimentares longas e concentradas, em que pouco importa o valor socioambiental da produção. Símbolo disso é a avalanche da *sojificação*, que avança sobre “colônia e Pampa”, transformando antigas casas humildes e sólidas, cheias de gentes da terra, em *taperas* cercadas pelo “grão dourado” e seu deserto ambiental e cultural (Figura 1). Alguns poucos resistiram e seguem os caminhos da agroindústria colonial, do turismo rural, da diversificação resiliente. Haverá um retorno das pessoas à terra? Não sabemos.

## Guinada profissional: entrando na rede federal

Entre 2003 e 2010, após o mestrado e doutorado em manejo ecológico do solo, já notando a grande expansão universitária e a implantação da Rede Federal de EBT, fui me convencendo que os meus tempos na extensão rural estavam findando. Que toda esta experiência adquirida poderia ser compartilhada em outras frentes, em novos aprendizados com estudantes jovens ou adultos, em especial com os que não tiveram oportunidades educacionais como se descortinavam neste novo Brasil do século XXI. Aprovado em concurso em dezembro de 2009, fui chamado para trabalhar no Instituto Federal Farroupilha, num *campus* no interior de Alegrete, em Passo Novo, na ex-Escola Agrotécnica Federal, criada em 1954. Foi um período importante para entender o desafio da agroecologização não só das produções, mas dos cursos agrários e suas instituições. Mas foi um período curto também, pois em 2011 houve outra mudança importante em minha trajetória profissional, quando fui convidado o cargo de Diretor-geral e Secretário de Estado Adjunto da Agricultura, Pecuária e Agronegócio (SEAPA-RS), no governo Tarso Genro (2011-2014). Aqui nesta arena político-administrativa, se podia vislumbrar com clareza os conflitos de interesse, as visões de mundo, as concepções de governança e práticas de democracia. Para contornar as pressões do poder econômico - os que sempre dominaram o Estado e seus Poderes - e buscar, minimamente, alocar os recursos escassos

àqueles que sempre estiveram à sua margem, o jeito foi radicalizar processo democrático de gestão, nas Câmaras Setoriais e Temáticas, espaços legítimos de formulação da política pública agropecuária gaúcha. Findo este período, de muito sacrifício pessoal e aprendizagem sobre políticas públicas e os limites e potencialidades do Estado, enfim, retornei à Rede Federal.

## A extensão e agroecologia: o programa ecoviamão

Em 2015, recebi o convite do diretor-geral do *Campus Viamão* do IFRS, Alexandre Vidor, para ajudar a caminhada inicial da unidade e, em especial, o setor de extensão, no início de 2017. Apesar de ser o mais jovem *campus* do IFRS, Viamão tem um compromisso radical com a missão institucional do IFRS de “ofertar educação (...) para enfrentar e superar desigualdades (...) garantindo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e em consonância com potencialidades e vocações territoriais”.

Além da maior extensão territorial da RMPA (1497 km<sup>2</sup>), era gritante como em Viamão o enorme ativo socioambiental era ignorado nas agendas de desenvolvimento, até mesmo para tirar o município da incômoda posição de estar entre os piores IDHs do Estado. Praticamente inexistentes iniciativas consistentes de valorização de seu ativo ambiental, composto por várias Unidades de Conservação (37% do território), povos tradicionais e a maior produção de orgânicos da América Latina no maior assentamento de reforma agrária do Estado, entre outros. Imperava - até hoje - uma visão extrativista, especulativa, convencional e clientelista.

Neste contexto nasceu o Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica de Alimentos de Viamão e Entorno (Programa EcoViamão), então, mesmo com suas limitações, veio para ampliar as iniciativas com foco nos agroecossistemas, sabendo que num raio de 60 km de Viamão vivem cerca de 4,2 milhões de habitantes. O EcoViamão é hoje, talvez, o maior programa de extensão em vigência no IFRS e um dos maiores da Rede Federal. Mesmo focado em extensão, possui fortes vínculos com pesquisa, no ensino, na inovação e no desenvolvimento institucional do IFRS (exemplo Política Institucional de Agroecologia e Segurança Alimentar). No final de 2016 o projeto EcoViamão, foi aprovado por Chamada Pública do CNPq, visando a ecologização dos processos sociais e produtivos de Viamão e entorno, com parcerias com os *campi* vizinhos (Restinga, Alvorada, Canoas). Desde o início buscou parcerias como a Prefeitura Municipal, o Assentamento Filhos de



📍 **Figura 2.** Atividade de bolsista no Projeto Hortas Escolares Agroecológicas, em Viamão-RS. Fonte: Alessandra Nevado (2019).



📍 **Figura 3.** Um dos encontros do Curso de Extensão em Agroecologia e Produção Orgânica de Alimentos em Viamão-RS (2018). Fonte: Próprio autor (2019).

Sepé, as cooperativas COPERAV e COMCAVI, a EMATER, o IRGA, a rede municipal e estadual de educação, entre outros. Suas principais ações iniciais foram de fortalecer vínculos através de inúmeras oficinas de socialização e planejamento de projetos como Hortas Escolares Agroecológicas (Figura 2), Formação técnico-social em Cursos de Extensão em Agroecologia, Feiras Ecológicas (implantação da I Feira Orgânica de Viamão e no *Campus* Viamão), Fomento à Agricultura Orgânica, realização de várias Semanas da Alimentação Saudável, apoio às Mostras Científicas do *campus*, além de vários projetos nas Aldeias Indígenas e Comunidades Quilombolas.

Em 2018, tendo em vista o esgotamento crescente de chamadas públicas de apoio à Agroecologia (via CNPq, Fapergs outras agências de fomento), buscamos o apoio de emendas parlamentares para continuar. Aqui cabe destacar o deputado federal Elvino Bohn Gass, decisivo para o fomento e a ampliação dos bolsistas de Hortas Escolares Agroecológicas, no apoio à implantação da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Sociais Sustentáveis (ITESS), na realização do I Curso de Extensão em Agroecologia e Produção Orgânica de Alimentos (Figura 3), na Ecologização de Unidades das Escolas Agrícolas ETA e Canadá, no fomento ao Arroz Orgânico no entorno do Parque Estadual de Itapuã, no início das atividades de Redesenho da Matriz Agroecológica do Assentamento Filhos de Sepé, etc. Também o Projeto Nexus/UFRGS foi outra conquista, capitaneada pela UFRGS, onde o EcoViamão continua sendo importante parceiro em pesquisas e ações de extensão visando a segurança hídrica, energética e alimentar da região metropolitana, em especial junto aos seus assentamentos e ao arroz de base ecológica.

Ademais, ampliamos os projetos iniciais e incorporamos novos desafios, como os projetos de Diagnóstico Rural Participativo, o apoio à implantação do Observatório de Desenvolvimento Territorial (ObservaViamão), a Feira Tupambaé, o Atlas Socioambiental entre outros. Em 2019, junto com colegas de vários *campi* e da reitoria do IFRS, houve a aprovação da Resolução Consup 101/2019, que aprovou a Política Institucional de Agroecologia, Segurança Alimentar e Educação Ambiental (PIASE).

Novos projetos estão surgindo, como o Águas para o Futuro e a Pós-Graduação multicampi em Agroecologia, com a colaboração de muitos colegas e parceiros, é verdade, mas sempre com a presença do EcoViamão. Ao todo, 103 bolsistas passaram pelo Programa em suas várias atividades indissociáveis assentadas na ciência da Agroecologia, nos princípios da alimentação saudável e na busca de contextos crescentes de sustentabilidade de fato, em todas as suas dimensões (ambiental, social, econômica, cultural, política e ética).

“A agroecologia não é tudo e nem é a panaceia salvadora para todos os problemas das sociedades. Agroecologia não é, muito menos, um tipo de agricultura, uma agricultura alternativa e muito menos um movimento social. A Agroecologia não se propõe a tomar o lugar de outras ciências. Agroecologia é uma ciência do campo da complexidade, que busca superar os enfoques cartesianos e reducionistas. Em diálogo com os saberes locais/tradicionais e o uso de metodologias e tecnologias apropriadas, a Agroecologia contribuirá para o (re)desenho de agroecossistemas mais sustentáveis do ponto de vista socioambiental, culturalmente mais aceitáveis e economicamente viáveis”. (FRANCISCO R. CAPORAL, *in memoriam*)

## Referências

- CAPORAL, Francisco R. **O que não é Agroecologia**. Blog Agroecologia. 2016. Disponível: <http://frca-poral.blogspot.com/2016/11/o-que-nao-e-agroecologia.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Obras completas**, Vol. I. Ed. Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, Madrid, 2004.



**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Rio Grande  
do Sul

# *Viver*IFRS

Revista da Pró-reitoria de Extensão do IFRS

[viverifrs@ifrs.edu.br](mailto:viverifrs@ifrs.edu.br)

<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS>